

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

**VINÍCIUS EDUARDO ORTIGOSA FERNANDES**

**FUNÇÃO DOS NEOLOGISMOS EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO,  
DE GUIMARÃES ROSA**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CURITIBA  
2015**

VINÍCIUS EDUARDO ORTIGOSA FERNANDES

**FUNÇÃO DOS NEOLOGISMOS EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO,  
DE GUIMARÃES ROSA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin

CURITIBA  
2015



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

**ALUNO: Vinícius Eduardo Ortigosa Fernandes**

**Polo: Polo Jaú**

**TÍTULO DA MONOGRAFIA:**

**Função dos Neologismos em A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa**

Esta monografia foi apresentada às **9:00:00 AM h** do dia **11/28/2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

<b>1</b>		Aprovado
<b>2</b>	<b>x</b>	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador.
<b>3</b>		Reprovado

Professor Márcio Matiassi Cantarin

UTFPR – PR

(orientador)

Professora Ana Paula Pinheiro da Silveira

UTFPR – PR

Professora Mariana Sbaraini Cordeiro

UTFPR – PR

**OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.**

“O significado metafórico da terceira margem aponta para o processo de descoberta que só pode ser realizado se houver a capacidade de abandonar o que está estabelecido, na tentativa de vivenciar novas possibilidades. A terceira margem se apresenta não como um lugar além, mas como um entrelugar, disposto na posição intermediária entre o velho e o novo; entre o que se é e o que se vislumbra enquanto possibilidade. A busca incansável do homem por um estágio de transcendência que pode ser experienciado, mas quase nunca transmitido através da linguagem.”

(Elis Angela Franco Ferreira Santos)

## RESUMO

FERNANDES, Vinicius Eduardo Ortigosa. **Função dos neologismos em A Terceira Margem do Rio, de Guimarães Rosa.** Curitiba, 2015. 46 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

Nesta monografia pretendo fazer uma análise do conto “*A terceira margem do rio*” localizado no livro *Primeiras Estórias* escrito por João Guimarães Rosa. Proponho discutir a obra por meio dos neologismos do escritor se aprofundando cada vez mais no sentido dessa curta narrativa. Esta análise consiste em examinar os neologismos presentes no conto para indicar a sua função semântica no texto. Ela tem o objetivo de facilitar a compreensão da história pelo leitor e apresentar a grandeza da mensagem literária que o narrador quer transmitir. Em suma, quero fazer com que esta pesquisa facilite os estudos desse conto em especial e deixar bem claro os sentidos nele presentes.

**Palavras-chave:** Neologismos, Regionalismo, Análise Literária, Compreensão

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A.	Autor (João Guimarães Rosa.)
arc(s).	arcaísmo; arcaísmos.
adj.	adjetivo.
adv.	advérbio.
bras.	brasileirismo.
Cf.	confronte; compare.
comp.	composto; composição.
deriv.	derivado; derivação.
dev.	deverbal.
EE	Estas Estórias.
empr.	emprego.
esp.	espanhol.
f.	forma.
fig.	figurado.
G. Dias	Gonçalves Dias.
GR	Guimarães Rosa.
GSV	Grande Sertão: Veredas.
ling.	linguagem.
loc.	locução.
MM	Manuelzão e Miguilim.
NA	Aurélio Buarque de HolandaFerreira. <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.</i>
ND.	não dicionarizado.
onom.	onomatopeia; onomatopeico.
or.	origem; originário.
p.	página.
PE	Primeiras Estórias.
part.	particípio.
pop.	popular.
pres.	presente.

pron.	pronome.
prov.	provável, provençal.
reg.	registrado (a).
S	Sagarana.
sent.	sentido.
T.	termo.
UP	<i>No Urubuquaquá, no Pinhém.</i>
us.	usado.
V.	veja.
var(s).	variante; variantes.
voc(s).	vocábulo; vocábulos.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>DA APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS À PARTIDA DO PAI .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>DA PARTIDA DO PAI À VELHICE DO FILHO .....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Sempre tive a curiosidade de desenvolver uma pesquisa que estivesse voltada para algum tema que abordasse o regionalismo, então eu escolhi o conto “*A terceira margem do rio*” do escritor João Guimarães Rosa (“Uma narrativa primorosa em que o escritor aborda metaforicamente aspectos intrigantes da vida humana: origem, destino e travessia.”) (Santos, 2012, p. 528) para poder analisar e desenvolver algum estudo sobre isso. Quero analisar minuciosamente os sentidos presentes no conto e por meio dos neologismos e da linguagem regionalista intenciono estudar as estratégias discursivas usadas pelo escritor.

O conto é narrado por um narrador – personagem que ao mesmo tempo em que é narrador também assume o papel do filho de um homem que num determinado dia resolve ir embora sem deixar nenhuma satisfação para a família. O narrador provoca um sentimento depressivo no leitor, pois ao longo da narrativa o filho do homem que foi embora cresce sem a presença do pai e os outros integrantes da família se veem obrigados a seguir suas vidas mesmo sem a presença do seu chefe. O grande mistério do livro que o escritor Guimarães Rosa nos deixa é o motivo que tenha levado o pai do personagem-narrador a abandonar toda a família, inclusive aquele que nos narra a estória que por sinal ainda era uma criança quando tudo aconteceu.

Acredito mesmo que o objetivo do escritor é proporcionar esse sentimento de tristeza para os leitores, pois essa tristeza é expressa pelo discurso do filho que sente profundamente a ausência do pai no decorrer de sua vida e que o tem sempre como um herói inesquecível que nunca mais voltará para o seio familiar.

O que é mais incrível no conto e o que leva o leitor ao maior sentimento apático é a ligação permanente que o filho caçula tem com o pai mesmo com a sua ausência, é a esperança que o filho mais novo possui, mesmo quando atinge a velhice, de um dia poder reencontrar o pai e conseguir descobrir o motivo da sua partida.

Para explorar a fundo todos esses sentidos eu pretendo analisar melhor o conto esclarecendo os significados de alguns neologismos empregados por Guimarães Rosa para mostrar o quanto que eles podem ajudar na compreensão desses sentidos ao realizar a análise literária e também mostrar a influência do regionalismo na obra enfatizando o cenário descrito e destacando as características das personagens que são típicas do sertão brasileiro. Para isso incluirei na análise algumas considerações do livro “*O Léxico de*

*Guimarães Rosa*” escrito pela autora Nilce Sant’Anna Martins que se trata de um dicionário específico para esclarecer os termos inventados pelo escritor João Guimarães Rosa cujas denotações vêm com referências de várias outras obras escritas por ele mesmo e também vêm acompanhadas de vários outros trechos de livros de diversas épocas literárias. O *dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* será usado somente para completar a pesquisa auxiliando no esclarecimento de algumas outras palavras que a obra de Nilce Sant’Anna não contempla.

A presente pesquisa justifica-se em analisar o conto “*A terceira margem do rio*” por meio dos neologismos presentes na obra transpondo os sentidos que são intrínsecos a ela numa linguagem mais acessível aos leitores para que a leitura seja realizada de forma mais eficiente. O objetivo não é descaracterizar a obra, pois a constante presença de neologismos é uma das marcas autorais mais importantes do escritor Guimarães Rosa que explicam a sua estratégia discursiva e que fazem da sua literatura uma exclusividade. O objetivo é esclarecer os significados dos neologismos presentes numa obra com o intuito de explorar mais esses recursos e mostrar ao leitor o quanto podemos aprender com eles e enriquecer o nosso vocabulário semântico que por sua vez contribui para o conhecimento literário.

Este trabalho também se justifica em identificar as marcas regionalistas do escritor, visto que Guimarães Rosa viveu no sertão de Minas Gerais e da Bahia, seria interessante destacar algumas palavras proferidas pelas personagens criadas por ele que fazem alusão à variedade linguística presente no Brasil apresentada pelo conto.

Por termos uma vasta obra do autor, foi delimitada uma pesquisa baseada no conto “*A terceira margem do rio*” do livro *Primeiras Estórias* para que a proposta de trabalho atenda ao estudo que será extenso, visto que é riquíssimo o rol de palavras que eu poderia enquadrar como neologismos.

Viso assim um trabalho que contemple o meu objetivo, que será auxiliar os leitores na compreensão e na leitura do conto por meio da investigação da função semântica dos principais neologismos presentes nas falas das personagens ou presentes no discurso do narrador e também por meio da identificação da linguagem regionalista, montando um esquema de compreensão de leitura com todas as análises feitas durante a abordagem da curta narrativa. Assim, posso me apoiar nisso para fazer uma análise literária do conto. Por meio das análises reafirmarei o que cada personagem quis dizer com determinada expressão usada ou o que o narrador quis dizer em certa passagem do conto numa linguagem mais fácil para o entendimento do leitor.

Para fazer uma boa análise literária da “*A terceira margem do rio*” eu consultarei uma análise do mesmo conto já feita pela professora Elide Valarini Oliver publicada numa revista universitária que ajudará a enriquecer as interpretações que serão feitas por mim.

Também pretendo nesta monografia identificar e explorar as marcas regionalistas que também caracterizam a literatura Roseana atribuindo a elas o valor merecido como identidade da cultura brasileira.

## 2. DA APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS À PARTIDA DO PAI

O narrador-personagem, filho do homem que inexplicavelmente resolve pegar uma canoa e desaparecer no meio do rio, inicia o conto descrevendo as principais características do seu pai desde quando esse ainda era um menino. O filho, com a ajuda dos relatos de outras pessoas que conheciam o desaparecido há mais tempo que ele, recolhe informações que o ajudaria a descobrir o que teria levado o pai a tomar tal atitude.

Primeiro o filho começa a descrever o quanto o pai era um homem cumpridor, ordeiro e positivo, tendo sido assim desde mocinho e menino pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas quando ele indagou a informação. Suponho que essas descrições só podiam pertencer a uma pessoa de bom caráter, portanto a primeira hipótese que consigo levantar sobre o pai nesse conto é que ele não era um personagem ruim segundo as descrições do filho e de algumas outras pessoas.

Observo logo em seguida no discurso do narrador o uso de duas palavras que expressam uma marca regionalista:

“Do que me *alembro*, ele não figurava mais *estúrdio* nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos.” (ROSA, 2001, p. 79.) A palavra *alembro*<sup>1</sup> significa o termo “lembro” do verbo lembrar e a palavra *estúrdio*<sup>2</sup> significa estranheza, esquisitice, algo incomum, extravagância ou falta de juízo. Em síntese, o que o filho quis dizer foi:

Do que me lembro, ele não figurava mais estranho nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Digo que o filho considerava o pai uma pessoa normal até aquele momento porque ele fez uma comparação entre o comportamento do pai e o comportamento das outras pessoas que ele conhecia e não encontrou nada que pudesse indicar alguma “anormalidade” ou alguma doença no pai para justificar a partida inesperada.

Após a breve apresentação do pai o personagem apresenta a sua mãe como alguém que realmente tomava atitude dentro de casa com relação à educação dos filhos que são ele e seus dois irmãos. “Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente

---

<sup>1</sup>**Alembrear.** *Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembrear...mas a saudade me alembra* (GSV, 25/27). / Var. de **lembrar**, arc. fonético. [São deveras frequentes na ling. de GR vocs. que, como este, apresentam a prótese do /a/.] (MARTINS, 2008, p. 20.)

<sup>2</sup>**Estúrdio.** (V. **Artice, Barrão, Brindar, Cocoral**). *Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto* (S\_\_IX, 324/346) .../Esquisito, extravagante, estróina, excêntrico, fora do comum. // Termo de conotação variável, frequentemente depreciativa, muito usado por GR nas diversas obras. (MARTINS, 2008, p. 214.)

\_\_ minha irmã, meu irmão e eu.” (ROSA, 2001, p.79.) Percebo nessa frase outra marca regionalista correspondente ao termo *ralhava* que significa dar broncas, chamar atenção, repreender, etc. Outra palavra que também posso esclarecer por via das dúvidas nessa sentença é a palavra *regia*<sup>3</sup> que significa comandava, chefiava, dava ordens sobre o que fazer ou não fazer, etc. Portanto, a intenção discursiva do narrador nessa frase foi:

Nossa mãe era quem mandava, e quem dava bronca diariamente na gente \_\_ minha irmã, meu irmão e eu.

Neste trabalho incluirei algumas considerações da Professora Elide Valarini Oliver sobre o conto “*A terceira margem do rio*” com reflexões baseadas num dos poemas chamado “*Viagem na Família*” de Carlos Drummond de Andrade. Oliver vai dizer que a voz do narrador é coletiva e não individual, ou seja, o narrador que é também filho do pai que foi embora não fala só por ele, fala também pelos outros membros da família, por isso que o narrador usou o pronome possessivo *nosso* para se referir à mãe como exemplificado na citação acima, pois aí o filho está falando por ele e também pelos seus irmãos. Não é só nesse trecho que o narrador faz uso de uma voz coletiva, ele faz isso também em todo o conto.

A história da terceira margem começa com a narração do filho sobre nosso pai. A voz plural do narrador: ‘Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo’ (p. 409) introduz uma noção de coletividade que acaba por incentivar um certo número de associações. Uma das quais é a noção do pai coletivo primordial, o senhor do clã. (OLIVER, 2001 p. 117.)

Segundo Oliver, a voz coletiva do narrador interpretada pelo filho indica que ele representa no conto um grupo, o filho passa ser o senhor da família que fala por ela na ausência do pai que antes liderava o grupo. Em síntese, posso levar em conta que a partir do momento em que o pai vai embora, o filho assume a liderança familiar semelhante ao senhor do clã na antiguidade e à horda primitiva em que os filhos matavam os seus pais pela disputa de poder.

Entretanto, os aspectos ditos mais primitivos desse arranjo também incluem uma rebeldia contra a autoridade estabelecida, sobretudo quando esta autoridade é sentida como arbitrária, uma luta de poder em vários níveis: os mais novos contra os mais velhos, o grupo contra o indivíduo, etc. (OLIVER, 2001, p. 117.)

---

<sup>3</sup>**Reger.** *Por que destruir vida, à-toa, à-toa, de homem são, trabalhador? Zé Bebelo não teria outro reger* (GSV, 396/490). /Ordem, regra, estatuto. // V. substantivado. (MARTINS, 2008, p. 419.)

A segunda hipótese que eu me atrevo a levantar sobre a figura do pai no conto é que ele poderia não ter sido alguém participativo na educação dos filhos, já que a mãe era a única que os corrigia.

No segundo parágrafo do conto o narrador relata a primeira atitude do pai com relação à decisão de partir, o pai mandou alguém fazer uma canoa para ele, mas esse objeto não era algo qualquer, parece-me que era uma canoa resistente ao tempo, feita com um material diferenciado e, o mais importante de tudo, ela só tinha lugar para uma pessoa que, no caso, era ele.

Encomendou a canoa especial, de pau de *vinhático*, pequena, mal com a tabuinha da *popa*, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e *arqueada* em *rijo*, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. (ROSA, 2001, p. 79.)

Nesse trecho posso encontrar quatro palavras que consigo esclarecer ao leitor:

A palavra *vinhático*<sup>4</sup> que significa material comum originado de diversas árvores da família das leguminosas, com madeira de cor amarelada; a palavra *popa* que se refere à extremidade de ré de uma embarcação, a parte posterior da embarcação oposta à proa, no seu movimento normal, onde se localiza o leme, também significa o conjunto das nádegas, o traseiro onde se senta o remador; a palavra *arqueada* que denota algo que tomou o formato de um arco, algo curvado, etc., e a palavra *rijo* que significa algo caracterizado pela rigidez, pela tenacidade, pela resistência, que possui pouca ou nenhuma flexibilidade, ou seja, algo rígido, duro. Então, o personagem passa a seguinte mensagem nesse trecho:

Encomendou a canoa especial, de pau de *vinhático* (madeira específica), pequena, mal com a tabuinha onde se senta o barqueiro, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e curvada rigidamente, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos.

Percebo então que o pai pretende usar sozinho essa canoa porque ela é tão pequena, como descrito acima, que justamente só caberia o remador. De acordo com as reflexões da prof.<sup>a</sup> Elide Valarini, a canoa pode ser comparada a um caixão que leva o pai para a morte, pois quando o narrador disse que a canoa foi feita justo para caber o

---

<sup>4</sup>**Vinhático.** *Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha de popa, como para caber justo o remador* (PE\_\_VI, 32/32) *ah, tantas canoas no porto, boas canoas boiantes, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro, e a gente tinha escolhido aquela...* (GSV, 8/99). / Árvore leguminosa, que fornece excelente madeira amarela. (MARTINS, 2008, p. 523.)

remador, posso considerar juntamente com ela que o pai enfrenta a morte, porque como disse Oliver, é sozinhos que enfrentamos a morte. “O tamanho dessa canoa, ‘como para caber justo o remador’, oferece uma tentadora similaridade com um caixão. Para a morte vai o pai, sozinho, nessa jornada, pois é sozinhos que enfrentamos a morte, todos.” (OLIVER, 2001, p. 118.)

Depois que a família toda ficou ciente de que o homem tinha mandado construir para ele uma canoa, a esposa não gostou muito da ideia porque ela desconfiou do marido por ele ter tomado uma atitude que se mostrava incomum às atitudes que sempre tomava. “Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia.” (ROSA, 2001, p. 79).

A primeira hipótese que eu levanto quanto ao perfil da esposa neste conto é que talvez ela fosse uma mulher muito rígida com a sua família. Isso tudo posso observar quando o filho descreve a figura da mãe como a única pessoa da casa que mandava e que repreendia os filhos e também consigo perceber isso pelo juízo equivocado que a mulher faz do esposo com relação à construção da canoa, pois ela sugeriu que o marido pretendesse pescar e caçar e considerou essas atividades como se fossem atos de vadiagem. E mais uma vez identifico a inatividade do esposo com relação aos acontecimentos familiares como demonstrado na frase “Nosso pai nada não dizia”.

A terceira hipótese que se permite levantar sobre o comportamento do homem é que talvez ele se sentisse insatisfeito com a vida que estivesse levando, por isso ele demonstra ser passivo em relação às coisas vividas e às pessoas que o cercavam. Há algumas reflexões sobre a morte no conto feitas por Oliver, e uma delas era o que ela disse a respeito dos mortos não tomarem nenhuma atitude com relação às coisas que acontecem em seus arredores, eles são passivos, sempre alguma coisa lhes acontece e eles nada fazem, não reagem. Já que os mortos são passivos, posso dizer que o pai mesmo ainda estando vivo ele já se fazia ausente no meio de sua família, como se ele estivesse morto espiritualmente, enquanto homem, enquanto pai, enquanto identidade, pois o pai não se importava com mais nada e a sua falta de ação aos estímulos da vida indicava passividade semelhante àqueles que já não se importam com os acontecimentos da vida por que já morreram. “Almas e sombras não possuem vontade por isso não tomam iniciativas. Os mortos não vão a nenhum lugar. Algo lhes acontece. A morte é sempre algo passivo.” (OLIVER, 2001, p. 122.)

O assunto tratado nas linhas que se seguem no conto é muito importante para a compreensão da pequena narrativa, pois o narrador descreveu nessas linhas o formato do

rio, as características que o rio apresenta e é justamente por esse rio que o pai do protagonista resolveu entrar com a sua canoa para nunca mais voltar. “... o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira.” (ROSA, 2001, p. 80).

Neste momento posso levantar algumas hipóteses sobre o rio: Ele poderia ser um lugar de partida para outro mundo, para outra vida, não necessariamente significando a morte, poderia ser um lugar que serve para o distanciamento da realidade. Considero também que o rio seja como algo que simboliza a morte quando o narrador diz que ele é calado que sempre, essa passagem expressa que o rio é silencioso e o silêncio também pode significar a morte. Oliver (2001, p. 118) compara o rio do conto “*A terceira margem do rio*” como algo que recolhe o ser humano deste mundo depois que esse atinge o declínio natural da vida. O tempo passa normalmente para o homem, chamado por ela de ser-para-a-morte, até o momento em que o ser morre e o rio o recolhe tornando-o parte dele, aí há uma descontinuidade cronológica para o homem porque para quem morre o tempo simplesmente pára, mas para o rio ele sempre continua por ser um fenômeno eterno. Oliver também compara o movimento das águas do rio com o fluxo do tempo.

Além do rio ser eterno, ele também é imutável e mutável simultaneamente uma vez que as suas águas sempre estarão fazendo a mesma coisa, que é tirar as pessoas deste mundo para transformá-las a fim de que um dia elas possam viver novamente até atingirem a perfeição, e como as águas também estão sempre em movimento, nunca o rio será o mesmo.

Há aí uma relação de tensão entre o indivíduo que sofre os efeitos do tempo sempre sujeito às suas mudanças, envelhecendo, morrendo, e a possibilidade de ser, de novo, recolhido pelo rio da eternidade. Esse rio, portanto, em uma de suas margens escoar-se no perpétuo fluxo do tempo, aquele rio que jamais é o mesmo, estando em contínuo movimento heraclítico. Mas esse rio é também o rio da imutabilidade porque seu tempo só transcorre, só é real, na verdade, para o ser-para-a-morte que se vê aprisionado em suas águas, numa canoinha de nada. Esse rio é também o eterno. (OLIVER, 2001, p. 124.)

O rio nunca será o mesmo porque o pai é comparado ao jacaré, figura metafórica usada pelo escritor Guimarães Rosa para representar a imperfeição espiritual do ser humano enquanto ser que permanece vivo, que sai com a canoa da margem para lembrar a sua condição de crocodilo, outra alegoria usada pelo escritor para simbolizar o oposto, a perfeição espiritual do homem alcançada através da morte, que desbrava os rios em busca de novas experiências, e por mais que o crocodilo viva e os desbrave, cada rio é



sempre um lugar diferente que lhe proporciona sabedoria e conhecimento. “O crocodilo vem ao mundo como um *magister* da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria mesmo que chegue a ter cem anos de idade.” (OLIVER, 2001, p. 121.)

O fato do rio ser grande e largo de tal maneira que não se poderia ver a forma da outra beira também contribui para compreender a decisão tomada pelo homem em desaparecer através dele, pois se o rio é tão imenso assim, ficaria muito difícil para a família ter a possibilidade de ir buscá-lo. Oliver também faz alguns apontamentos sobre o fato do rio ser tão largo ao ponto de não se poder ver a forma da outra beira, ela usa a história do mito da caverna de Platão para explicar isso. Os habitantes da caverna não enxergam perfeitamente as formas dos seres que estão fora da caverna, eles só conseguem ver sombras do mundo que está lá fora, pois quem está vivo ainda não alcançou a perfeição o suficiente para ver as coisas nitidamente porque ainda vivem no mundo que está dentro da caverna, o mundo sensível. Já àqueles que estão fora da caverna conseguiram atingir a perfeição, já morreram e, portanto, veem as coisas com nitidez, já vivem no mundo que corresponde ao exterior da caverna, ao mundo inteligível. Então a professora compara esse mito com a situação vivida entre o pai e o filho no conto de Guimarães, o pai está no mundo inteligível e o filho ainda está no mundo sensível. “Não se poder ver as formas é uma afirmativa também ligada à morte. Como sombra, forma também é uma palavra platônica. Os habitantes da caverna não são capazes de ver as formas puras, apenas suas sombras.” (OLIVER, 2001, p. 122.) A largura do rio, segundo Oliver, é algo que aponta para o ilimitado, ou seja, para algo que parece não ter fim ou que é muito distante ao ponto daquele que está na margem não conseguir enxergar.

Chegou então o momento em que a canoa ficou pronta. Esse instante da vida do filho que ainda era um menino e que narra essa história até a sua velhice é inesquecível para ele, pois a canoa significa um dos objetos que permitiu a partida do seu pai. “E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.” (ROSA, 2001, p. 80). Posso também admitir que foi nesse dia que o seu pai resolveu ir embora, pois está implícito nessa sentença que no momento em que a canoa ficou pronta, o pai tomou a decisão de se despedir da família e entrar no rio para simplesmente desaparecer ou apenas às vezes aparecer longe do alcance e das vistas de sua família. A autora Oliver (2001, p. 118) considera que esse dia foi o último instante em que um claro acontecimento ocorre com relação ao pai, ou seja, foi a última vez que o filho teve plena certeza das coisas que aconteceram com o pai, porque depois, tudo não se passou de dúvidas e suposições.

“Sem alegria nem cuidado, nosso pai *encalcou* o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou *matula* e *trouxa*, não fez a alguma recomendação.” (ROSA, 2001, p. 80). Nesse trecho há algumas palavras destacadas em itálico que correspondem aos neologismos de Guimarães Rosa e ao regionalismo: A palavra *encalcou*<sup>5</sup> significa apertou, comprimiu; a palavra *matula*<sup>6</sup> se refere ao alforje, farnel ou provisão, no caso aqui no contexto do conto significa reserva de alimento; e a palavra *trouxa* denota embrulho feito de pano para guardar ou transportar objetos como roupas. Portanto, o narrador quis dizer o seguinte:

Sem alegria nem cuidado, nosso pai apertou o chapéu (sobre a cabeça) e decidiu dizer um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou reserva de alimentos e roupas, não fez a alguma recomendação (não aconselhou ninguém e não disse nada mais além de um adeus).

Diante desse trecho permito-me dizer que o chefe da família não estava feliz com a situação de ter que partir, mas parece que a partida se fazia urgente e necessária. O mais intrigante é que ele não levou alimentos e nem roupas, objetos necessários para a sobrevivência humana. Novamente posso levantar duas hipóteses sobre esse assunto: Ou o homem entrou no rio com a canoa sem nada que suprisse suas necessidades com o intuito de morrer mesmo, como se quisesse cometer um suicídio, ou ele conhecia um lugar para se alimentar e se abrigar que o conto não revela e que os outros personagens desconhecem.

Observe agora a reação da mãe ao ter visto tudo aquilo acontecer:

“Nossa mãe, a gente achou que ela ia *esbravejar*, mas persistiu somente alva de pálida, *mascou o beijo* e *bramou*: \_\_ ‘Cê vai, ocê fique, você nunca volte!’ Nosso pai suspendeu a resposta.” (ROSA, 2001, p. 80). Nessa passagem há muitos neologismos e marcas de regionalismo como *esbravejar*<sup>7</sup> que significa tornar-se furioso, bravo; lançar brados, gritos; vociferar, etc., a expressão *mascou o beijo* denota morder o canto dos lábios com certa irritação e *bramou*<sup>8</sup> significa soltar a voz, exaltar-se, rogar ou suplicar aos gritos. Se

<sup>5</sup>**Encalcar.** 1. *Mas, então, ele mesmo, Miguilim, era quem tinha de encalcar de rezar, sozinho por si* (MM\_I, 30/47). / Comprimir; (fig.) persistir, insistir, esforçar-se. // Bras. Pop. 2. *O que um homem assim devia de ser deputado \_\_ eu disse, encalquei* (GSV, 104/125). / Reforçar, ressaltar, enfatizar (fig.). (MARTINS, 2008, p. 184.)

<sup>6</sup>**Matula.** *Eu, tendo comida minha, de matula, no bernal* (GSV, 164/200). / Alimento, provisão. (MARTINS, 2008, p. 325.)

<sup>7</sup>**Esbravaçar.** *O gado esbravaçava* (GSV, 58/68). / ND. Esbravejar, tornar-se bravo. (MARTINS, 2008, p. 194.)

<sup>8</sup>**Brama.** 1. *E ela piorava, insultava, gastava seus sopros; mas caçava as bramas mais ferinas de ofensa* (UP\_III, 232/239). / Berro, grito; insulto. // Dev. de **bramar**, ‘acusar com violência,

atente para a fala da mulher, \_\_ “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”<sup>9</sup> Note que essa fala é um típico falar regionalista ou posso dizer também que é um dialeto de origem interiorana, portanto expressa uma linguagem comum àqueles que moram em lugares afastados da cidade, assim como as personagens deste conto. A fala da mãe expressa o seguinte:

\_\_ Ou você vai, ou você fica, mas se for, nunca mais volte!

Fazendo uma análise literária desse trecho, percebo que a esposa de certa forma é atingida pela decisão do marido em ir embora, pois isso é demonstrado quando o narrador diz que ela somente persiste na permanência do marido alva de pálida, ou seja, a mulher estava tão assustada com a decisão do pai das crianças que ela estava branca de tão surpresa que se sentia porque aquele momento foi um instante que jamais ela esperaria que fosse acontecer, mas que estava acontecendo. Porém, talvez o orgulho dela tenha sido tanto que em vez dela implorar a permanência do marido, ela impôs a condição a ele de que se fosse era para nunca mais voltar, já que ela não queria deixar transparecer que a decisão do esposo em ir embora a tinha deixado transtornada e como sempre, o homem ignorou a observação da mulher mostrando novamente a sua passividade sobre as coisas. Mais uma vez consigo notar uma atitude autoritária da mulher, mas dessa vez ela se conteve pela surpresa do momento, pois o filho esperava que ela fosse se irritar com a ação do esposo de tão acostumado que ele estava de ver a mãe repreender alguém, mas mesmo assim ela demonstrou certa insensibilidade.

Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: \_\_ “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo \_\_ a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. (ROSA, 2001, p. 80.)

---

vituperar’. 2. *chegava na janela .... ministrava aquela brama de ordens: dez, vinte execuções duma vez* (GSV, 100/120). / Gritaria; amontoado, mistura. // T. enfático. (MARTINS, 2008, p. 79.)  
<sup>9</sup>**Cê, Ocê.** / O A. empregou as três vars. do pron. numa gradação: começou pela mais espontânea e terminou pela f. padrão: talvez aqui a pronúncia sugerida seja mais lenta, sugerindo maior determinação e raiva. (V. **Ancê**). (MARTINS, 2008, p. 110.) Segundo Martins, existe uma gradação nessa expressão da mãe para representar a perplexidade dela com relação à decisão tomada pelo pai. Isso representa uma cadência silábica em que a indignação da mãe aumenta conforme o aparecimento das letras que grafam a palavra você.

Ao analisar o trecho da despedida entre o filho que narra o conto e o seu pai percebo que o misterioso homem tem uma ligação mais forte com esse filho porque ele acenou apenas para ele na hora da partida com o intuito de fazer com que o menino se aproximasse dele para uma despedida mais calorosa. O conto não menciona nem a presença dos outros filhos no momento da partida do pai. O filho atendeu com muita alegria o apelo do homem acreditando que ele fosse levá-lo junto na canoa, mas o desaparecido apenas abençoou o filho afastando-o dele.

Percebe-se contudo que o filho, mesmo com a despedida do pai, ainda não acreditava que ele poderia realmente ir embora, pois, segundo esse pequeno trecho, o filho ainda se voltou num espaço que era o buraco do mato para enxergar o pai e verificar se ele iria mesmo embora ou não. E como está escrito na última frase em que destaquei, o homem foi embora. Quando o narrador diz que a canoa *saiu se indo*\_\_ a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa, isso denota que a canoa saiu da terra firme para finalmente ficar a deriva nas águas do rio. Oliver interpreta esse trecho dizendo que a canoa que leva o pai para o meio do rio é semelhante ao jacaré que está imperfeito porque acabou de sair da terra, do mundo dos vivos, e agora vai tentar buscar a perfeição no outro mundo rememorando a sua condição de crocodilo. “A imagem do crocodilo é duplicada também na história, pelo jacaré, um símile da canoa quando ela deixa a margem carregando o pai para o meio do rio.” (OLIVER, 2001, p. 121.)

### 3. DA PARTIDA DO PAI À VELHICE DO FILHO

Este capítulo abrange o relato do narrador–personagem sobre a maneira como ele, o filho, e o restante da família viveram após a partida do pai. No entanto, o narrador dá maior ênfase à maneira de viver do filho até que este alcance a velhice, pois a memória do pai permanece constante no conto graças aos relatos e reflexões feitas pelo filho. Esta segunda parte começa com a afirmação feita pelo narrador de que o pai não voltou. Então autorizo-me a considerar que o pai realmente partiu para fazer uma viagem sem volta e que ele desde o começo estava convicto de que a sua partida era para sempre. “Nosso pai não voltou.” (ROSA, 2001, p. 80.)

O mais intrigante dessa curta narrativa é o fato do pai ter partido para simplesmente ficar a deriva num rio imenso. “Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.” (ROSA, 2001, p. 80.) Na mais óbvia das hipóteses, segundo esse trecho, o homem “decidiu” então morrer, mas a “intenção” da morte não fica clara no conto. Muitos trechos sugerem isso, porém não existe nada que afirme tal objetivo.

Oliver (2001, p. 122) compara essa situação do pai em *A terceira margem do rio* com a mitologia grega. Os antigos gregos acreditavam que as almas dos mortos não tinham reação alguma com relação àquilo que lhes acontecia. Quando as pessoas morriam, as suas sombras ou almas eram simplesmente conduzidas ao reino de Hades, deus do submundo, por Hermes, responsável por conduzir as almas para o mundo inferior, e por Caronte, o barqueiro que atravessa os rios Letes e Estige levando as almas para o reino dos mortos e lá elas eram recebidas por outras almas. Em suma, as almas não iam a lugar nenhum por vontade própria e são consciência, outros seres as levavam e faziam coisas por elas, portanto, as almas, segundo a antiga mitologia, eram passivas, semelhantes ao pai que simplesmente ficou parado no meio do rio e não foi a lugar algum ficando aos cuidados da própria sorte.

“O que o pai faz é desvincular-se do convívio com a sociedade sem, contudo, desprender-se totalmente do passado, ou seja, não avança para o desconhecido. Sua atitude é de contemplação do lugar ocupado anteriormente.” (SANTOS, 2012, p. 528 e 529.)

A atitude do pai causou certo desconforto para a família e para toda a vizinhança que o conhecia porque nunca ninguém havia tomado uma decisão igual àquela, sair com uma canoa pelo rio e resolver ficar nela eternamente. Uma decisão de certa forma estranha como diz o narrador, pois o homem decidiu fazer isso de repente, não esclareceu o motivo da sua partida e resolveu ir embora por um rio onde não havia lugar para ir a não ser o povoado onde ele vivia. “A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.” (ROSA, 2001, p. 80.) Nesse trecho o narrador transmite a ideia de que todas as pessoas que souberam do ocorrido ficaram amedrontadas. A expressão *estarrecer*<sup>10</sup> *de todo a gente* é mais uma marca regionalista usada pelo escritor Guimarães Rosa para dizer que o medo dessa realidade tomou conta inteiramente de todo mundo.

Como ninguém sabia do motivo da partida do homem, toda a vizinhança, os conhecidos da família e até pessoas que passavam naquele local começaram a sugerir razões que poderiam ter levado o homem a ir embora pelo rio.

Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. (ROSA, 2001, p. 80.)

Identifico nesse último trecho a presença de um neologismo, a presença de uma marca regionalista e a presença de um recurso sintático: “... se *desertava* para outra *sina* de existir...”, que significa que o homem desaparecido se abandonava, se isolava (referente ao termo *desertava*) para assumir um destino (*sina*) diferente do qual ele vivia. Na frase “... perto e longe de *sua* família *dele*.” localizo a presença de dois pronomes possessivos diferentes que se referem à mesma pessoa, o pronome *sua* e o pronome *dele*.

As pessoas que viviam em torno da família do desaparecido levantavam hipóteses pela observação do comportamento de alguns membros dela, como a mãe, por exemplo, que se mostrava resignada com a situação. “Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita

---

<sup>10</sup>**Estarrecido.** *Mas, para ele, aquele gotejo de minuto em que esperou, espedido, estarrecido, foi como se tivesse subido dali, em neblinas, para lugar algum, fora de todo perigo* (UP\_\_III, 179/187). / ND. *Estarrecido, muito assustado.* // Part. de **estarrear**, var. de **estarrecer**, ‘assustar’, ‘apavorar’. Ou **Estarrecente.** *Todos, no estarrecente, caçavam de ver a Maria Mutema*(GSV, 172/210). / *Estarrecimento, apavoramento.* // Part. pres. de **estarrecer**, ‘apavorar’, em loc. (adv. ou adj.). (MARTINS, 2008, p. 207.)

cordura<sup>11</sup>; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira.” (ROSA, 2001, p. 80.) Analisando essa passagem, levo em consideração o fato de que a mãe concordava com os comentários alheios, ou seja, ela não se manifestava contra nenhuma anedota que se criava a respeito do sumiço do marido como se ela estivesse desanimada com a ausência do esposo ou como se ela não se importasse mais com o problema. Admito também ser estranho esse comportamento da mãe, pois como eu vi desde o início do conto, ela era uma personagem que sempre se opusera às atitudes dos seus convivas, principalmente às do marido.

Embora o pai do narrador-personagem tenha entrado na canoa para ficar a deriva no rio, ele ainda permaneceu disponível à vista de alguns, pois de acordo com alguns trechos do conto, notei que as pessoas que ficaram à margem do rio ou próximas à ela ainda conseguiam enxergá-lo porque elas faziam descrições do personagem segundo o que viam e levantavam hipóteses sobre a possibilidade ou não da volta do homem para a margem.

As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas \_\_ passadores, moradores das beiras, até do asfalto da outra banda \_\_ descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. (ROSA, 2001, p. 81.)

Examinando melhor esse pedaço da história posso dizer então que o pai estava ao alcance da vista de algumas pessoas, porém essas pessoas não conseguiam vê-lo na sua forma natural, elas apenas viam a sua sombra por ele já estar morto. As pessoas que ficavam na margem perceberam que o pai já pertencia a um plano diferente do plano daqueles que ainda viviam, por isso elas transmitiam algumas notícias como se não acreditassem que o pai um dia fosse voltar.

Todos acharam impossível que alguém pudesse sobreviver numa situação como aquela, então a mãe e os parentes da família chegaram à conclusão de que se o homem levou mantimentos com ele escondidos na canoa, esses já teriam acabado e ele teria que

---

<sup>11</sup>**Cordura.** *Mãe ponteava, com muita cordura, que Vovó Izidra devia de não exaltar coisas assim, perto dos meninos* (MM\_I, 21/34). *Pensar em Diadorim, era o que me dava cordura de paz* (GSV, 160/195). *Respondi somente: Amigo... e não disse mais. Com toda minha cordura* (GSV, 118/143). / Qualidade de cordo; prudência, sensatez, bom-senso. // Viterbo inclui o voc. Entre os arcs. do seu tempo. (MARTINS, 2008, p. 135.) Quando o filho diz que a mãe se comportou com muita cordura, ele quis dizer que a mãe passou a ter bom-senso sobre as coisas, o que antes ela não tinha. Essa mudança repentina de atitude da mãe expressa o estranhamento observado pelo filho no conto.

tomar duas decisões cruciais, a de sair do barco e ir embora para outro lugar e nunca mais voltar ou se arrepender da decisão antes tomada e voltar para a sua família.

Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa. (ROSA, 2001, p. 81.)

Nessa passagem percebo que o narrador não precisa dar o complemento para algumas frases para que a sua mensagem seja compreendida. “... ou desembarcava e viajava s' embora, para jamais,...” o leitor consegue entender que no termo *jamais* está implícito a ideia de que se o pai escolhesse desembarcar e ir embora, ele nunca mais iria voltar, “... ou se arrependia, por uma vez, para casa.” toda essa frase está implícita a ideia de que se o pai escolhesse se arrepender, ele desistiria da ideia de ficar a deriva no rio e voltaria de uma vez para casa. Uma palavra que eu posso encontrar nesse trecho e que expressa a marca da oralidade representada pelo regionalismo é a palavra *s' embora*, pois o termo é comumente usado pelas pessoas do interior de Minas Gerais denotando o ato de ir embora.

Como o filho já sabia que o pai podia ser visto por muitas pessoas que ficavam na beira do rio, então ele resolveu levar alimentos ao pai escondido da mãe na esperança de que o homem pudesse aparecer na margem do rio para comer e conversar com o filho sobre a razão da sua atitude ou ao menos pegar os alimentos deixados por ele.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendia no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. (ROSA, 2001,p. 81.)

Fazendo a primeira análise desse trecho atento-me pelo que o narrador, através da fala do personagem (o filho), intencionou dizer logo no início com a frase: “*No que num engano.*” Essa frase expressa o que verei a seguir sobre a decepção do filho em não conseguir atrair a atenção do pai com a comida que levava e que depositava nas pedras perto da margem do rio, pois o objetivo do filho era fazer com que o pai viesse no mínimo pegar os alimentos, mas para isso o homem teria que voltar para a margem e ficar mais



próximo das pessoas que conviveram com ele. Em vista disso, percebendo que o pai nunca voltaria para pegar a comida, mesmo com toda a dedicação que empenha o filho, o mesmo se sente iludido por ter acreditado que isso faria com que o pai se aproximasse dele.

Existe também a possibilidade de se fazer uma segunda análise dessa passagem sobre uma fala do narrador quando ele diz que a comida que o filho levava para o pai era furtada. *“Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada”*: Agora o leitor pode se questionar a respeito: Por que o filho precisaria roubar comida para levar ao pai? Considero o fato de que como a mãe era uma mulher rígida, ela não gostaria da ideia de que o filho levasse parte dos seus alimentos para perto do rio na esperança de alimentar o pai, por isso que talvez o filho pegava comida escondido da mãe, assim ela não ficaria brava. E existe ainda uma terceira análise que consigo fazer desse último trecho que sustenta a primeira análise, quando o filho deu sequência à ação de levar alimentos para o seu pai, ele conseguiu enxergá-lo no meio do rio e isso fez com que o filho tivesse expectativa em atrair ele para junto de si, mas quando ele percebeu que o homem não deu atenção e nem se manifestou a respeito, ele começou a se decepcionar. *“Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longo, sentado no fundo da canoa, suspendia no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal.”* (ROSA, 2001, p. 81.)

O vocábulo *alumiado* encontrado na última citação significa a mesma coisa que *iluminado*, ou seja, aquilo que é atingido pelo clarão de uma luz. Nesse caso, as pessoas que ficavam na margem do rio durante a noite rezavam pela volta do pai com o auxílio da luminosidade de uma fogueira.

Dando prosseguimento ao meu trabalho, farei uma reflexão importante sobre a personagem da mãe. Se comparar o comportamento da mãe antes da partida do pai e o comportamento dela depois do ocorrido, consigo notar que houve uma mudança com relação às suas características emocionais. Muito antes ela era irredutível com relação a tudo, principalmente com os filhos, depois ela se mostrou mais compreensível e permissível com algumas coisas. Há dois exemplos no conto que expressam essa mudança: O primeiro exemplo se deu quando ela não demonstrou se sentir afetada com os comentários feitos a respeito da partida do seu esposo e o segundo será o que vou observar agora, que ela, na verdade, sabia de tudo sobre a comida que o filho levava. *“Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrimo*

de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.” (ROSA, 2001, p. 81.)

Conscientizo-me do fato de que a mãe estava ciente a todo instante do serviço que o filho prestava ao pai, entretanto ela não o repreendeu em nenhum momento como de costume, muito pelo contrário, ela facilitou a situação para que o filho fizesse aquilo sem que ele pudesse ao menos suspeitar de que a mãe já tinha consciência daquilo. O filho pegava os alimentos escondidos porque o menino pensava que a mãe ainda seria capaz de se irritar com o feito e atribuir - lhe broncas. Em suma, identifico sim uma mudança de comportamento da mãe, no entanto parece que ela não quis demonstrar isso a ninguém.

A mãe tentou fazer com que o pai voltasse e desistisse da ideia de ficar a deriva chamando algumas pessoas para convencê-lo e até forçá-lo a abandonar o que estava fazendo. Ela chamou o padre e dois soldados, porém nada aconteceu, mesmo quando alguns jornalistas foram ao povoado para tirar fotos do pai, ele desaparecia como se tivesse fugindo de tudo.

Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão daquele. (ROSA, 2001, p. 81 e 82.)

Ao investigar o pedaço do conto acima consigo encontrar algumas palavras de cunho regionalista como o termo *teima* que significa cisma, ideia fixa; a palavra *brejão* que quer dizer brejo extenso, um lodaçal ou lamaçal, lugar sujo; o termo *retrato* que significa fotografia; a palavra *banda* que denota lado ou canto de algum lugar; o termo *légua* que se refere a medida da distância de um lugar a outro, semelhante ao quilômetro; e *juncos* que faz alusão à uma espécie de planta. Também encontrei algumas palavras originadas por neologismos, por exemplo, *se chegar à pega ou à fala*<sup>12</sup> quer dizer chegar a pegar alguém ou a algo, relar, tocar, etc. e chegar a conversar com alguém, dialogar, etc., a palavra *aproava* faz referência às palavras encaminhava, dirigia, levava, etc. e a

---

<sup>12</sup>**Chega.** Chegar a; até; quase. (MARTINS, 2008, p. 114.) No contexto do conto, chegar à pega ou à fala significa a possibilidade de alguém conseguir ou quase conseguir falar com o pai ou tocá-lo fisicamente.

palavra *diluso*<sup>13</sup> significa uma imagem mal definida, que embaça a vista, que é difícil identificar.

“‘diluso’ é um neologismo formado por ‘dis’, negação, e ‘lusus’ do verbo ‘ludere’, iludir. O pai é, portanto, um ‘não iludido’ pelo mundo de aparências, pelo mundo da persona. Presentiu além, o mundo das essências, deu então às costas ao já conhecido ‘lado de cá’ e iniciou sua travessia para o desconhecido ‘lado de lá’” (SILVA, s/d, s/p, apud SANTOS, 2012, p. 528.)

O que então o autor deseja transmitir com esse trecho é que a mãe chamou o padre para que ele rezasse pelo pai e espantasse nele a ideia fixa que estava na sua mente. Depois ela chamou os soldados para colocá-lo medo, do que de nada adiantou, o pai não permitiu que ninguém se aproximasse dele e conversasse com ele, fugia e permanecia o mais longe possível. Após isso chegaram os jornalistas para tirar foto do homem no rio, suponho que o fato do desaparecimento do pai tenha virado notícia, polêmica, curiosidade nas redondezas, e mesmo assim o pai não se deixava alcançar, ele fugia para o outro lado onde tinha brejo e mato, lugar muito distante onde ninguém conhecia a não ser ele mesmo.

A dura realidade do distanciamento do pai virou rotina na vida do filho e na vida das outras pessoas da família, isso os obrigou de certa forma a se conformarem com a situação, porém nunca ninguém conseguiu se acostumar de todo com a ausência do pai. “A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade.” (ROSA, 2001, p. 82.) O narrador expõe a existência de muito sofrimento por parte dos familiares do homem em ter que aceitar a realidade. Aos poucos esse sofrimento fez com que a família se fortalecesse para prosseguir a vida e criar a convicção de que o pai nunca voltaria mesmo. Já o filho não se deixou acreditar que a não presença do pai na casa virasse normalidade.

A falta que o filho sentia do pai criou um enorme vazio na vida dele, esse vazio era tanto que jamais ninguém, nem alguma coisa durante a vida toda conseguiu preenchê-lo, pois tudo o que o rapaz desejava e não desejava em sua vida estava relacionado à união dele com o pai, portanto a memória paterna era uma constante na vida do filho. “Tiro por

---

<sup>13</sup>**Diluso.** *Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa* (PE\_\_VI, 34/34)/ ND. Vislumbrado, entrevisto, pouco nítido (sent. fig. prov.). // Prov. var. de **diluto**, ‘diluído’, ‘enfraquecido’. (MARTINS, 2008, p. 170.) Lembremos que no conto o pai está morto, por isso podemos relacionar a significação desse termo com o fato do pai ter virado uma sombra, uma alma cuja imagem é difícil de definir pelo olhar de quem ainda está vivo. Quanto ao termo diluto, que também se insere nessa significação, podemos considerar que o pai pode estar diluído no macrocosmo, no universo que absorve o microcosmo na hora da morte. A imagem que também está enfraquecida pode ser a alma do pai que se tornou passiva com a morte.

mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos.” (ROSA, 2001, p. 82.) Na parte em que o narrador diz que o homem era assunto em que fazia os pensamentos dele voltarem no tempo, posso admitir que o filho vivia mais para o passado onde estava o seu pai do que para o presente onde ele já não estava mais fisicamente, mas antes pondero que a figura paterna sempre se fez presente na vida do filho enquanto lembrança. Assim como o rapaz vivia para o passado, ele também vivia para o futuro porque esperava a volta do pai independente de qualquer coisa, ou seja, para ele o presente era só uma reminiscência do passado e um caminho que permitia o acesso a um futuro que aguardava a possibilidade do retorno daquele que um dia entrou na canoa e desapareceu pelo rio.

O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos \_\_ sem fazer conta do se-ir do viver. (ROSA, 2001, p. 82.)

Observe como o filho em nenhum instante aceitou a possibilidade do pai ter morrido durante todo o tempo que se passava. Para o filho o pai estava suportando todas as dificuldades que a natureza poderia oferecer para um ser humano desabrigado, pois se o filho acreditasse que a morte teria levado o pai, aí não haveria futuro, não haveria esperança. Então era mais fácil para o filho acreditar que o pai sobrevivia, mesmo que isso fosse um absurdo. Nesse trecho encontrei uma palavra de caráter regional, essa palavra é o termo *arrumo* que, pelo contexto do discurso, significa rumo, direção, orientação, etc.

“Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim.” (ROSA, 2001, p. 82.) Segundo o narrador–personagem, o pai nunca mais se dirigiu a nenhuma das duas margens do rio e nunca mais pisou em solo enxuto desde o momento em que entrou no barco. O interessante é que essa passagem faz alusão ao título desse conto “*A terceira margem do rio*”, pois todos sabem que qualquer rio só pode ter duas margens, então como um rio poderia ter uma terceira margem? Permito-me fazer a inferência de que o narrador está se referindo ao local em que o pai encontra a sua morte, um local em que o pai ficará por um longo tempo e que não corresponde à nossa realidade, ao mundo material.

Oliver diz que a terceira margem é o local de encontro entre o homem e o rio. É nesse ponto em que o ser que é individual e mortal, o homem, se une com o rio que é

coletivo e eterno, a professora ainda usa os termos microcosmo e macrocosmo para explicar o mistério dessa união. O microcosmo é uma parte pequena do universo que enquanto estiver viva é individual, separada do universo, depois que morre ela se junta ao universo do qual ela sempre pertenceu tornando uma coisa única e esse universo é o macrocosmo que capta todos os microcosmos no momento da morte. “É, portanto na superfície que se dá o encontro entre rio e homem. É este o ponto no espaço onde a mortalidade do individual encontra a imortalidade e eternidade do rio.” (OLIVER, 2001, p. 125.)

A terceira margem do rio pode muito bem ser o lugar do não-lugar, uma forma radical de utopia onde o lugar do não-lugar encontra o tempo do não-tempo. Pode ser o encontro entre o eterno e o mortal, ou o histórico e o universal. Ela pode ser também o ponto de encontro onde o indivíduo se dissolve no Uno. (OLIVER, 2001, p. 125.)

Na passagem do conto acima também dá para esclarecer alguns termos aos leitores como *pojava*<sup>14</sup> que significa subia; *beira* que quer dizer margem, canto; e *croas*<sup>15</sup> do rio que se referem à crosta de terras não lavradas, não cultivadas, etc. Então essa passagem denota o seguinte:

Não subia em nenhuma das duas margens, nem nas ilhas e nem nas terras não cultivadas do rio, não pisou mais em chão e nem em capim.

“Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso.” (ROSA, 2001, p. 82.) O narrador considera que, no mínimo, para que o pai pudesse dormir ele precisaria amarrar a canoa em alguma parte em terra firme para que ela não continuasse se movimentando pela correnteza do rio. A palavra *esconso*<sup>16</sup> significa escondido, oculto, retirado da vista das pessoas, etc.

<sup>14</sup>**Pojar.** Não *pojava* em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim (PE\_\_VI, 34/34) Senhor conheceu por de-dentro um bando em-pé de jagunços \_\_ quando um perigo poja? \_\_ Sabe os quantos lobos? (GSV, 64/75). / Desembarcar, saltar em terra; (fig.) aproximar-se. [Cf. G. Dias: *Já el-rei Afonso Quinto / Nas suas terras pojou (Obras Poéticas, t. 1, p. 375)*]. (MARTINS, 2008, p. 391.)

<sup>15</sup>**Croa.** Era na beira, ali onde o rio não tem mais croas (GSV, 106/127). / Banco de areia, persistente ou temporário, produzido por aluviões nos estuários e no baixo curso dos rios; ilhota. // Bras., var. de **coroa**. Também us. No comp. **Croa-com-ilha:** e *croa*, só de areia na parte de cima. Uma *croa-com-ilha*, como se diz (GSV, 110/132). (MARTINS, 2008, p. 141.)

<sup>16</sup>**Esconso.** 1. ali no *esconso*, uns podiam se apartar para morrer (UP\_\_I, 20/27) ... Ele joga seguro: por aí perto, em *esconso*, deve de ter outra tropa de guerra (GSV, 153/186). / Canto, desvão, lugar oculto, esconderijo. 2. (Diadorim) *perguntou, escondo, se eu queria aquela guerra completamente* (GSV, 403/498). / Oblíquo, disfarçado; à parte, em particular. // Empr. fig. (MARTINS, 2008, p. 197.)

“O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável.” (ROSA, 2001, p. 82.) De acordo com o que foi dito aqui, constato que o pai não se alimentava como deveria, pois nem a comida que o filho levava e colocava nos lugares perto da margem do rio ele comia por inteiro, ele não se alimentava o suficiente para levar uma vida saudável. A *gameleira*<sup>17</sup> é uma espécie de árvore comum a diversas árvores da família das moráceas cujas raízes, segundo o conto, eram o lugar onde o filho colocava a comida para o pai buscar.

Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvores descendo \_\_ de espanto de esbarro. (ROSA, 2001, p. 82.)

Ao refletir sobre esse parágrafo, vejo que o filho ficava se perguntando como o pai arranjaría forças para driblar as adversidades perigosas que a natureza oferecia se ele não comesse e não repusesse suas energias. Verifique que o pensamento do filho estava a todo tempo direcionado ao pai e às dificuldades que o homem poderia estar passando. Praticamente toda a página 82 do livro *Primeiras Estórias* expressa a imaginação do filho sobre o modo de vida que o pai poderia estar levando dentro da canoa no leito do rio. A imaginação do rapaz mostrava o medo que esse possuía do pai ter passado por algumas dificuldades e não ter sobrevivido a elas. Na passagem acima a palavra *tento* denota atenção ou cuidado.

E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. (ROSA, 2001, p. 82 e 83.)

Percebo que se passara tanto tempo desde quando o pai se ausentou que ninguém mais da família falava no homem, até o filho que narra essa história confessou que ele mesmo não falava mais do pai. Todavia, a família não deixava que a figura do pai caísse no esquecimento, principalmente o filho, porque ele disse que não poderia haver

---

<sup>17</sup>**Gameleira.** (V. **Azagaia**). *A gameleira, fazedora de ruínas, brotou com o raizame nas paredes desbarrancadas* (S\_\_III, 118/134). / Árvore muito grande, que fornece madeira branca e mole, fácil de trabalhar, própria para cochos, gamelas, colheres e outros utensílios domésticos. // De **gamel(a) + -eira**. (MARTINS, 2008, p. 244.)

esquecimento com relação ao pai. E quando eles “fingiam” que esqueciam, era só para se darem conta do descuido e fazerem um esforço para recobrar a memória, pois pelo menos o filho jamais quis esquecer o pai, nem mesmo por um instante.

Noto que o decorrer do tempo no conto é algo que ajudou as personagens a se distanciarem cada vez mais do passado, não só cronologicamente, mas também mentalmente, pois a figura do homem que saiu inexplicavelmente dentro de uma canoa por um rio vai se apagando aos poucos na vida dos familiares e conhecidos desse homem. O esquecimento geralmente acontece devido ao distanciamento entre pessoas por um longo período de tempo. Nesse caso, o esquecimento é semelhante à situação de morte porque quem morre é esquecido pelos vivos com o passar do tempo e também o morto se esquece de sua vida anterior a partir do momento em que morre, assunto que verei a seguir baseado em algumas considerações da professora Elide Valarini Oliver. Também o esquecimento pode ser semelhante à ausência prolongada de alguém cuja causa acaba na indiferença das pessoas quanto à própria ausência do outro.

Entretanto, o filho não quis aceitar essa ação do tempo sobre a sua memória com relação ao pai porque ele narra que se ele se flagrasse, por um momento, esquecido do pai, logo ele se despertaria, como num susto, como se fosse um erro imenso deixar de pensar no pai por um segundo se quer. É interessante analisar que o filho nem admitia o fato do pai às vezes ser esquecido por ele. Na narrativa localizo a fala do protagonista expondo que se, por um pouco “*a gente fazia que esquecia*”, era só para se despertar de novo..., isso se refere ao fato do filho em querer acreditar que ele e a família não esqueciam de verdade, às vezes eles apenas fingiam que esqueciam. Isso transmite o dilema da insistência do filho em ter pensado que ele nunca esqueceu o pai, mas que na verdade, de vez em quando, houve esquecimento sim, consequência inevitável da ação do tempo sobre o ser humano.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. (ROSA, 2001, p. 83.)

Me deparo com a situação de que a mãe não desejou fazer festa no casamento da filha porque todos se lembravam do pai nos momentos em que se podiam comer algo melhor, pois enquanto o restante da família desfrutava de conforto, boa alimentação e

moradia, o pai não tinha nenhuma dessas coisas. *Cabaça*<sup>18</sup> no contexto desse parágrafo significa utensílio feito da metade do fruto das plantas da família das Cucurbitáceas ou da família das Bignoniáceas cujas cascas são usadas para fabricar diferentes objetos, no caso aqui, se trata de uma bacia ou concha feito por esse material para medir ou transportar farinha, grãos e especialmente para beber e esgotar líquidos. O filho imaginava que o pai estivesse usando a cabaça para esvaziar as águas que se acumulavam dentro do barco quando chovia.

“Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai.” (ROSA, 2001, p. 83.) Além do filho lembrar constantemente do pai, a sua aparência fazia com que as outras pessoas lembrassem do pai ao olhá-lo. Essa frase indica o quanto o tempo já tinha passado, pois o filho provavelmente já não era mais um menino nesse ponto da narrativa. O fato do filho ter se tornado cada vez mais parecido com o pai leva-me a aceitar a ideia de que ele já teria crescido e que já estivesse próximo à idade que o pai estava quando esse fora embora. As aparências de uma pessoa também são muito influenciadas pelas atitudes dela, como o filho sempre se lembrava do pai, talvez ele o tivesse sempre como modelo a ser seguido, ou seja, o pai teria sido um modelo de ser humano que o filho aprendeu a imitar durante toda a vida.

“Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.” (ROSA, 2001, p. 83.) O narrador descreve como o pai deveria estar naquele momento para ressaltar o quanto tempo tinha se passado depois da partida dele. Então o filho sabia que se o pai não estivesse morto, na mais óbvia das possibilidades ele estaria semelhante a um animal, pois pelo tempo que se passava e tendo consciência de que do meio do rio ele teria permanecido, não haveria como o pai poder ter mantido as boas condições de saúde e a boa aparência sem comer, sem se vestir e sem se cuidar.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: \_\_\_ ‘Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...’; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. (ROSA, 2001, p. 83.)

<sup>18</sup>**Cabaça.** \_\_\_ *Ah, isso [valentões] teve muitos; o Desidério .... \_\_\_ Cuéra? \_\_\_ Cabaça .... Só que era bruto como ele só, e os outros tinham medo dele* (S\_\_VII, 253/271). / Palerma, tolo (NA). Outro sent.: ‘porongo’. (MARTINS, 2008, p. 87.) **Porongo.** *E um porongo pendurado a tiracol por uma embira* (GSV, 291/358). / *Cabaça, cuia.* // Bras. or. do quíchua, pelo esp. platino. (MARTINS, 2008, p. 393.) O significado de cabaça no conto de Guimarães Rosa está expresso pelo segundo significado da palavra no livro de Nilce Sant’Anna Martins.



Observo que a atitude do pai em ter ido embora e em ter ficado no rio todo aquele tempo provocou no filho um sentimento de mágoa que é explicado pela dúvida que o filho passou a ter com relação ao amor que o pai sentia por ele e pelos outros membros da família. Não era ao certo uma dúvida, era mais uma revolta do filho à ausência permanente e injustificada do pai, pois quem ama de verdade deveria sentir saudades devido ao distanciamento por longo tempo. O filho se via decepcionado com o pai por ele não ter voltado e nem ter dado notícias, principalmente depois de tudo o que ele realizara com o objetivo de fazê-lo retornar e de garantir-lhe a sobrevivência por mais tempo.

Noto também que o filho procurava exaltar o pai sempre quando ele era elogiado por algum bom ato. Essa atitude pode ser explicada pelo motivo do filho não ter aceitado que a ausência do pai e que a tolerância do mesmo em responder aos apelos dele servissem de pretextos para criar um ódio pelo pai pensando que o homem poderia ter abandonado a sua família, então o filho mentia para as pessoas quando dizia que era o pai que tinha ensinado a ele boas coisas, pois o que o filho queria sentir era orgulho do pai em vez de ódio.

Lembro que nesse ponto, no início do trabalho, fiz um comentário sobre o modo de educação que a mãe empregava dentro de casa com as crianças e a possível falta de participação do pai nessa parte, recordo que a segunda hipótese levantada sobre a personalidade do pai no conto se reforça nesse trecho da narrativa, porque quando o filho mente para as pessoas sobre o pai significa que na verdade ele nunca ensinou ao filho nenhuma boa ação. Em suma, o filho queria conservar boas lembranças do pai se referindo a ele orgulhosamente no intuito de tentar evitar a revolta do seu desaparecimento.

“Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse.” (ROSA, 2001, p. 83.) Detecto o desespero do filho quando ele indagava sobre a permanência do pai no meio do rio, ele se questionava sob a condição de que se o pai já tivesse esquecido de todas as pessoas que já conviveram com ele e de que se ele não se importasse mais com a família, por que então não sairia daquele meio de rio? Por que não iria para outro lugar no mesmo rio, longe da sua família? A atitude do pai ao mesmo tempo em que foi incompreensível para o filho, ela o deixou com raiva, pois o filho queria ter a certeza de que o pai pudesse estar vivo em algum lugar, de preferência ele gostaria

que o pai voltasse, ou que pelo menos manifestasse alguma ação no meio do rio, mas não acontecia nada.

Oliver diz que o rio desse conto é o rio do esquecimento e do rememoração, pois a partir do momento que o ser humano morre ele deixa para trás suas lembranças da vida anterior para poder chegar ao mundo espiritual, o local onde os mortos ficam. E ao mesmo tempo em que há esquecimento também há rememoração porque as almas precisam lembrar de suas vidas passadas para consertarem seus erros numa possível vida futura em busca da perfeição. A autora faz novamente menção à mitologia grega para explicar esse processo de esquecimento:

O rio que aniquila a memória individual e conduz o ser-para-a-morte para a sua reunião com o Uno. Assim, o Rio é ao mesmo tempo o rio da vida e o rio da morte, da lembrança e do esquecimento, aletheia e lethes. O morto, quando levado por Caronte, primeiro cruza o rio lethes e deixa para trás, esquecida, sua vida passada, antes de alcançar as águas do Estige e finalmente as margens do Hades. (OLIVER, 2001 p. 118.)

A travessia do rio realizada pelo pai poderia ter feito com que ele se esquecesse do homem e do pai de família que foi e da família que teve. Constatei também que no decorrer do conto o tempo passava e a família do pai ia se separando, cada um ia viver a sua vida. A filha do homem desaparecido casou, teve um filho e foi morar em outro lugar com o marido, assim também o irmão foi embora do local para viver a vida numa cidade e a mãe envelheceu e passou a viver com a filha casada.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. (ROSA, 2001, p. 83.)

Para o filho ainda havia a possibilidade do pai voltar, pois quando o narrador diz que os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos, ele quis dizer que o tempo passava devagar porque ele ainda tinha a expectativa de que o pai de uma forma ou de outra um dia retornaria, então ele esperava ansioso por esse dia, e ao mesmo instante para o filho o tempo passava rápido porque muita coisa tinha mudado a sua volta e ele não tinha percebido, só ele que continuava sendo a mesma pessoa do passado que ainda pensava no pai.

“Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida.” (ROSA, 2001, p. 83 e 84.) A decisão do filho em não prosseguir com a sua própria vida atesta a forte ligação com o pai por ele apenas viver em função dele.

“Nosso pai carecia de mim, eu sei \_\_ na vagação, no rio no ermo \_\_ sem dar razão de seu feito.” (ROSA, 2001, p. 84.) Percebo que a ideia de que o pai vivia continuava fixa na mente do filho, ele não queria acreditar no contrário e ainda mais, ele queria acreditar que o pai precisava dele. Está aí a explicação de que o filho nunca teve vontade de viver a sua própria vida, tudo o que ele viveu até aquele momento foi pensando no pai. A palavra *ermo* significa solidão ou lugar desabitado. “O narrador justifica sua presença afirmando que o pai necessitava dele, mas, ao que tudo indica, era ele quem precisava da presença do pai para compreender o que havia ficado para trás.” (SANTOS, 2012, p. 530.)

“Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.” (ROSA, 2001, p. 84.) Por mais sofrimento que o filho pudesse ter passado com a ausência do pai em sua vida, ele nunca poderia maldizê-lo, mesmo com toda a angústia que estava sentindo de nunca ter compreendido a atitude insana do pai e nem de entender o porquê dele ter ignorado a família e a própria existência durante muitos anos, ele sempre procurou amá-lo e nunca esquecê-lo. Quando o narrador diz que os primeiros cabelos brancos já despontavam nele, ele reconhece que o tempo realmente passou e que aquele menino que virou na grotta do mato para ver, desacreditado, o pai ir embora de canoa pelo rio já ficou para trás, longe na linha do tempo, e o que sobrou foi a figura de um homem cansado e iludido. O sentido da palavra *malsinar* aí nesse parágrafo se refere aos mesmos sentidos das palavras maldizer, agourar, rogar pragas, etc.

“Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio \_\_ pondo perpétuo.” (ROSA, 2001, p. 84.) Esse trecho pode ser bem revelador com relação ao comportamento do filho durante todo o tempo de sua vida porque o narrador se questiona sobre uma culpa que ele sentia cuja razão nem ele sabia dizer no conto.

Oliver relata que existem alguns motivos para explicar o sentimento de culpa do filho. Um dos motivos é o fato do filho não entender que ele enquanto ser individual e mortal não poderia substituir o pai na canoa quando ele quisesse, proposta que será feita mais adiante, pois a hora da morte para o pai, que também foi um ser individual até morrer, já tinha chegado, porém para ele a hora ainda não chegou. A substituição só poderia acontecer no ponto de vista da coletividade e não da individualidade, ou seja, o filho poderia substituir seu pai na canoa enquanto representante de sua espécie humana

porque o filho facilmente também poderia ser substituído por alguma outra vida que viria posteriormente, pois para a natureza isso não faria diferença uma vez que ela é vista como algo eterno e o ser humano como algo mortal e substituível. “Como representante da espécie ele poderia tomar o lugar do pai, como indivíduo não pode substituir sua própria sorte. A falha do filho em entender isso é a origem de seu conflito.” (OLIVER, 2001, p. 119.)

Oliver faz uma comparação entre o conto “*A terceira margem do rio*” de Rosa com um dos poemas sobre o silêncio do pai em “*Viagem na Família*” de Carlos Drummond de Andrade, ela diz que no poema de Drummond a relação entre pai – sombra e filho – vivo é semelhante com a relação entre pai e filho em “*A terceira margem do rio*” porque a personagem que faz o papel do pai no poema de Drummond também se ausenta sem dizer nada e o drama da culpa também se faz presente na vida do filho. No entanto, nesse poema, há o resgate do pai pelo filho no atemporal, acontece um reencontro entre eles e o sentimento de culpa do filho no poema se esvai porque o filho sente que o pai o perdoou, diferentemente do conto de Rosa em que o filho não consegue resgatar o pai, não há o reencontro entre eles e o filho se sente culpado permanentemente, pois ele tem a sensação de que o pai não o perdoou e de que ele vem para se vingar. “À diferença do poeta, o narrador em Rosa se encontra em estado de confusão, submerso em culpa... Sentir o perdão do pai tem uma força arrebatadora que neutraliza qualquer outro sentimento, inclusive o de culpa.” (OLIVER, 2001, p. 124.)

“Senti que me perdoava  
porém nada dizia.” (ANDRADE, 2012, p. 85)

É interessante analisar o jogo de palavras que Guimarães Rosa usou nessa passagem, ele repetiu a palavra *tanta* duas vezes para mostrar que a culpa que o filho sentia era muito grande e repetiu também a palavra rio quatro vezes sendo que as três primeiras vezes o termo está separado entre hifens como se quisesse sinalizar um tempo mais breve e na última repetição a palavra é antecedida pelo artigo *o* como se desejasse indicar um tempo mais longo e enfatizar o rio que tinha levado o pai. Entretanto, vejo que o termo rio foi o grande elemento que separou o pai e o filho, por isso que o narrador se atém a essa palavra, por ser um dos elementos mais significativos nesse conto.

“‘A terceira margem do rio’ nos faz refletir, também, sobre a linguagem de Rosa. Uma linguagem que ocupa a terceira margem, pois se afasta da linguagem comum; é estranha e por isso mesmo sedutora; carrega uma aura de mistério através de um movimento que se afasta e se aproxima do já conhecido. Em sua ritmicidade, a narrativa rosiana conduz o leitor para o espaço do rio,

para o espaço da própria maleabilidade da linguagem, e nos faz adentrar nas profundezas desse rio que é o texto, ainda que, diante dele, a nossa sensação seja, simultaneamente, de estranhamento e pertença.” (SANTOS, 2012, p. 531.)

O protagonista diz que o rio pôs perpétuo, ou seja, que o rio impôs um distanciamento eterno entre pai e filho. Na verdade, segundo as análises de Oliver, o rio envolve tanto o pai quanto o filho no mistério da morte, a ausência do pai significa a própria morte dele que o filho não consegue compreender, mas a partir do momento em que o filho se depara com a morte, ele enfim percebe o que em toda a vida ele não conseguiu entender ou o que não quis entender.

O filho capturado nesse enigma não pode perceber que a ausência do pai representa a própria morte. O filho ainda está no momento de busca, naquele quarto escuro, pensando que o gato preto ainda está lá. O mesmo tempo que nos conduz à morte nos conduz à percepção. (OLIVER, 2001, p. 120.)

“Eu sofria já o começo de velhice \_\_ esta vida era só o demoramento.” (ROSA, 2001, p. 84.) O filho reconhecia que ele estava envelhecendo, então era só questão de mais alguns anos para ele morrer. Percebe-se também que a esperança de reencontrar o pai não era mais a mesma, pois na frase acima está implícito que o filho já não tinha mais alegria, que ele não tinha mais forças para lutar pelo seu pai, nem mais motivos para acreditar num futuro diferente no qual o pai estivesse nele. O narrador diz que aquela vida era só o demoramento atribuindo a essa palavra o significado de que a vida dele se tornava um fardo para ele mesmo e que ele gostaria de se livrar deste peso o quanto mais logo, então o filho só deixava o tempo passar. Há um grande exemplo nesse pedaço da narrativa de um neologismo, a palavra *demoramento* no sentido expresso quer dizer o passar longo do tempo na espera da morte.

Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. (ROSA, 2001, p. 84.)

Nesse trecho o filho fez uma comparação entre o sofrimento dele por causa da velhice e o possível sofrimento do seu pai se caso ainda estivesse vivo no meio do rio. Se o filho se encontrava com muitas dificuldades para viver por causa da idade avançada,

ele imaginava o pai que deveria estar muito mais velho e deveria sofrer muito mais com as doenças. Nesse ponto o filho imaginava o que poderia estar acontecendo com o pai se ele perdesse as forças e deixasse a canoa ao descuido. Haveria a hipótese do pai ser arrastado pela correnteza do rio e ir parar numa cachoeira, cair e morrer.

Existem alguns neologismos no trecho acima como *achaque*<sup>19</sup> que significa mal – estar ou doença sem gravidade, distúrbio, enfermidade, indisposição, mal, perturbação; *perrengue*<sup>20</sup> que denota frouxidão, desalento, manqueira (pessoa que manca), fragilidade; *emborcasse*<sup>21</sup>, que no contexto da história significa a possibilidade da canoa virar; *bubuiasse*<sup>22</sup>, palavra que se refere ao mesmo significado do verbo boiar, ou seja, no sentido expresso acima quer dizer que havia a chance da canoa boiar se acaso o pai perdesse as forças ou até mesmo de o pai flutuar sobre as águas sem a canoa, guiado pela força da correnteza; *tororoma*<sup>23</sup> que quer dizer corrente fluvial impetuosa e barulhenta, expressa a força que a água do rio poderia exercer contra a embarcação do pai que o faria derrubar; e *fervimento* que aqui nesse contexto faz referência à força que uma queda d’água exerce sobre o rio quando ela pára de cair.

“Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse \_\_ se as coisas fossem outras. Eu fui tomando idéia.” (ROSA, 2001, p. 84.) O filho se sentia culpado por algo que ele não tinha como mudar porque ele tinha a falsa consciência de que a partida do pai tinha sido escolha do próprio pai. Oliver explica que o erro do filho foi em acreditar que o pai tinha entrado na canoa e ido ao rio por vontade própria, o que depois, de certa maneira, isso também levou o filho a acreditar que ele poderia substituir o pai na canoa por um simples

<sup>19</sup>**Achaque.** *Era um recurso para aliviar meu achaque e era dado com bondade* (GSV, 307/379). / Doença sem gravidade. // Do ár. **as’saka**. (MARTINS, 2008, p. 8.)

<sup>20</sup>**Perrengue.** *o Major teve a sua enxaqueca e depois o seu mal de próstata. Já sem dores, mas ainda meio perrengue, passava o tempo no côncavo generoso da cadeira-de-lona* (S\_\_II, 104/119)... / Fraco, frouxo, desanimado, doentio. // Bras., pop. Do esp. **perrengue**, ‘birrento’, ‘irascível. [Cf. V. Silveira: *Ora, a Januária, u’a moura para o trabalho, como todos diziam, tinha ficado perrengue em razão de um reumatismo nas juntas* (**O Mundo Caboclo de Valdomiro Silveira**, p. 96)... (MARTINS, 2008, p. 382.) No conto o termo usado é **perrengue** que é derivado da palavra perrengue. Perrengue possui o mesmo significado que a palavra perrengue de acordo com o contexto da história.

<sup>21</sup>**Emborcado.** *Miguilim se sentava no pilão emborcado* (MM\_\_I, 17/29). / Virado de boca para baixo. (MARTINS, 2008, p. 182.) Essa palavra deriva do termo **emborcar** que significa virar de boca para baixo. Em “A terceira margem do rio”, o filho receava que a canoa do pai virasse de boca para baixo e jogasse o pai pela correnteza do rio a fora.

<sup>22</sup>**Bubuiar.** .../ Boiar ao sabor da corrente. *Vi aqueles olhos bonitos, olho amarelo, com as pintinhas pretas bubuiando bom* (EE\_\_V, 137/174). / Boiar, sobrenadar (fig.). // Bras. Deriv. Do tupi **be’bui**, ‘leve’ e, pois, ‘flutuante’. (MARTINS, 2008, p. 83.)

<sup>23</sup>**Tororoma.** *não ia .... deixar que a canoa emborcasse .... para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira* (PE\_\_VI, 36/36). / Corrente fluvial forte e ruidosa. // Do tupi **toro’rom**, voc. onom. (MARTINS, 2008, p. 494.)

ato de escolha. “Conceber o absurdo do ato do pai como resultante de uma escolha individual é um erro que levará a outro erro similar: causará no filho um falso senso de escolha que, como vimos, consiste na proposta de substituição.” (OLIVER, 2001, p. 120.)

O filho também se sentia culpado por não ter como proteger o pai dos perigos que ele poderia estar enfrentando sozinho no rio, talvez o filho se sentisse impossibilitado e inútil de ter ficado apenas pensando no pai e sentindo saudades dele. A dor que o filho sentia nunca foi curada, nunca terminou, por isso que o narrador diz que ela está em aberto. O termo *foro*<sup>24</sup> aí no contexto significa aquilo que o filho carregou na frente, aquilo que ele mostrava, ou seja, a dor que o filho carrega está exposta para o mundo ver.

“Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos.” (ROSA, 2001, p. 84.) Observe aqui que o filho se sentia afetado de alguma forma quando ele se referia ao adjetivo doido. Fica implícito nessa frase que um dos motivos mais fortes que poderia ter levado o pai a ir embora era a loucura, pois o filho tinha medo de admitir essa hipótese porque ele sabia que a doença da mente poderia ter sido uma das causas mais prováveis. Aliás, ninguém da família nunca aceitou a possibilidade do pai ter ficado louco. Lembro que quando as pessoas analisavam a mãe e percebiam que ela se resignava com os comentários que o povo fazia a respeito do sumiço do marido, muitos desconfiaram que no fundo a mãe soubesse que o esposo poderia ter ficado maluco.

Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: \_\_\_ ‘Paí, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...’ E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. (ROSA, 2001, p. 84 e 85.)

---

<sup>24</sup>**Foro. 1.** (V. **Alçada**). / Encargo ou despesa habitual ou obrigatória. Uso ou privilégio garantido pelo tempo e pela lei. // O que o personagem quer dizer é que ele vai restabelecer a justiça. **2.** *Apreciei. Pude me dar foros de seu pai* (PE\_\_XV, 101/98). / Encargos; privilégios, direito. // O termo é arcaizante, sendo de uso na ling. jurídica, especialmente na designação do lugar onde funcionam os órgãos do poder judiciário. **3.** Lhe proponho justo e bom foro, se com o sinal de meu servidor... (PE\_\_XX, 161/146). / Quantia, pagamento. (MARTINS, 2008, p. 234.) Levando em consideração o que Nilce Sant’Anna diz em seu dicionário de termos rosianos, podemos também considerar que o termo **foro** no contexto do conto seja o encargo ou a responsabilidade do filho em tentar trazer o pai de volta para a vida normal. Quando o narrador diz que a sua dor está em aberto, no seu foro, também podemos levar em conta que essa dor se trata da frustração do filho em não ter conseguido cumprir com o seu encargo.

Está explícito no texto que o filho foi à margem do rio para novamente tentar chamar a atenção do pai, coisa que ele tinha tentado fazer durante muito tempo e não conseguiu. Mas, aquele momento específico foi um instante especial, pois como se fosse uma despedida, o filho levou um lenço para que o aceno ao pai fosse maior. Levo em conta que o filho soubesse que a hora da sua morte se aproximara, por isso ele faz esse ato, porque teme que ele jamais reencontrasse o pai em vida. E ainda quando o narrador disse que ele estava muito no seu sentido, ele queria transmitir ao leitor o fato de que aquele momento em que ele estava vivendo não se tratava de uma ilusão e que as coisas que viriam acontecer posteriormente àquilo e que ainda vou comentar também não.

Consigo identificar que é nesse parágrafo que o filho propõe ao pai que ele o substitua na canoa, proposta impossível de ser aceita, segundo Oliver, pois o pai, estando morto, jamais poderia dar lugar ao filho uma vez que ambos, como já dissemos, viviam em mundos diferentes e que cada um estaria preso em naturezas distintas, o pai, morto, estaria no âmbito da coletividade e o filho, vivo, estaria no da individualidade. Como cada um vive em mundos diferentes, cada um tem o seu destino e possui a sua própria hora de acontecer as coisas, isso também faz com que cada um tenha a sua própria vontade porque cada um possui a sua própria vida e o próprio instante de morte.

Mas não pode haver acordo ‘a ambas vontades’ porque essas vontades não convergem. São paralelos que jamais se encontrarão. “Ambas vontades” nessa circunstância de extrema individualidade não têm poder para estabelecer contrato, pois o campo onde estas vontades se manifestam é o destino individual e sua hora. (OLIVER, 2001, p.120.)

Além disso, o filho acredita que a partida do pai foi voluntária e que a substituição do pai por ele na canoa também poderia ser. Isso tudo gerou o sentimento de culpa no filho quando ele não consegue entender que é impossível realizar tal ato por que a atitude do pai na verdade não foi voluntária.

Concebendo a idéia de que ele pode, de alguma forma, substituir o pai nesse projeto aparentemente absurdo, o filho tenta repartir o fado, somente para fracassar e desencadear um permanente sentimento de culpa. Sua falha nasce de sua incapacidade de captar o impossível de sua tarefa. (OLIVER, 2001, p. 119.)

Por fim o pai apareceu como se fosse um vulto, ele estava na canoa sentado na traseira da embarcação, assim como estava quando tinha ido, e o filho estava na margem aos gritos porque aquele momento era grandioso para ele, era o momento em que durante



toda a vida ele esperava ansioso e angustiado pelo reencontro com o pai. Depois o filho gritando falou tudo o que precisava falar; tudo o que surgia em sua mente naquele instante, como se fosse uma explosão de sentimentos; todas as palavras repreendidas que ele guardava para si durante anos ele falou naquele momento.

E ele disse que queria tomar o lugar do pai na canoa, que era para o homem voltar, pois já estava muito velho e já tinha cumprido tudo o que precisava cumprir, agora era para o filho estar na canoa, à deriva, sofrendo todas as dificuldades possíveis. O narrador-personagem disse isso como se ele tivesse a intenção de sofrer no lugar do pai, como se ele sentisse a dor dele e não suportasse mais a ideia do pai continuar sofrendo e correndo riscos de morte, como se também o filho não quisesse mais viver. Mas como a hora da sua morte ainda não tinha chegado, a substituição do pai na canoa por ele não poderia ocorrer como já foi exposto antes, pois, naquela circunstância, pai e filho pertenciam a mundos diferentes e a condições diferentes, o protagonista ainda estava preso à sua condição individual na Terra e o pai já estava fazendo parte do Uno, já tinha deixado de ser o microcosmo para se unir ao macrocosmo.

Nesse trecho existem alguns estilos próprios do escritor Guimarães Rosa como o emprego de um neologismo e o uso de um recurso sintático do mesmo tipo que já vimos neste trabalho. Nessa passagem identifico a palavra *urgia*<sup>25</sup> usada para expressar a emoção do filho quando ele pede para o pai voltar para depois ele poder ir no lugar dele. Os significados do termo *urgir* são: insistir, solicitar, pedir, reclamar, etc. E na questão do recurso sintático empregado pelo autor, localizo novamente o uso de dois pronomes possessivos diferentes fazendo referência à mesma pessoa “... *eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...*”. Verifique que as palavras “*seu*” e “*do senhor*” se referem ao pai.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n' água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 2001, p. 85.)

---

<sup>25</sup>**Urjo.** *Antes tantas astúcias, em empalhar que eu não fosse embora, que eu ficasse naquele urjo de guerra, sem cabo nem ponta* (GSV, 284/351). / ND. Urgência, necessidade imediata. / Dev. de **urgir**, ‘ser necessário sem demora’. (MARTINS, 2008, p. 512.) Quando o filho diz que ele falou o que lhe *urgia*, ele quis dizer que ele falou o que era urgente naquele momento, pois como eu havia dito nessa monografia, o filho foi à beira do rio novamente com um lenço na mão no intuito de se despedir antes que também chegasse a sua hora, então ele falou o que era mais importante e necessário antes que ele morresse e depois não pudesse mais falar o que há muito tempo deveria ter falado.

Percebo que após o filho ter chamado o pai e ter-lhe revelado tudo o que sentia, o homem depois de muito tempo resolveu reagir. Ele finalmente escutou o que o filho disse, ficou em pé na canoa, acenou para o filho, mexeu os remos e resolveu vir em direção a ele. Essa ação era aquilo que o filho queria que o pai fizesse durante toda a vida, esse era o futuro tão esperado pelo filho, no entanto ele sentiu medo quando percebeu que o pai vinha ao seu encontro, reação provocada por causa do primeiro aceno do pai depois de muitos anos ao clamor do filho. O protagonista parecia-me que se arrependera de ter feito tudo aquilo e resolveu fugir, pois para ele pareceu que o pai vinha do outro mundo até à margem para busca-lo concordado de que ele o substituísse na canoa. Aqui posso sugerir que o filho no fundo sempre soube que o pai estava morto, mas que nunca tivera coragem em admitir isso, então, quando o filho consegue enxergar o pai vindo em sua direção ele fica ciente de que seria impossível vê-lo novamente depois de tanto tempo e que enfrentar aquela situação seria algo muito medonho. A chance do filho substituir o pai na canoa denota a possibilidade do filho morrer. Detecto que nesse ponto a intenção do filho era reencontrar o pai, mas como ele nunca aceitou a possibilidade de que o pai tinha morrido, agora ele encontra a própria morte, cai totalmente em si e resolve recuar por medo.

Oliver explica que esse medo repentino do filho é fruto da sua individualidade. Enquanto estiver vivo, o filho nunca poderá interferir no seu próprio destino quanto à morte, pois como eu já disse, cada um tem a sua própria hora de morrer.

Há duas questões aí, uma lidando com a inevitabilidade do último encontro com a morte, que engloba tanto o indivíduo enquanto tal como enquanto espécie – todo o mundo é um ser-para-a-morte. A outra envolvendo o problema do destino pessoal face à morte. (OLIVER, p. 119, 2001.)

No final dessa passagem me deparo com o filho pedindo perdão. Esse pedido de perdão pode estar relacionado com o fato do filho ter se sentido culpado a vida inteira pela partida do pai.

Santos (2012, p. 530) vai dizer que:

O pedido de perdão do filho ao pai representa o arrependimento por não ter conseguido nem ocupar seu lugar na sociedade, exercendo seu papel de homem produtivo e ativo, nem foi capaz de buscar a libertação em outras possibilidades de realização.

Verifique no conto que, anteriormente, o narrador disse que o filho se sentia culpado do que nem sabia. Esse sentimento de culpa pode se relacionar com a ilusão do

filho em acreditar que ele poderia ter impedido o pai de ir embora, ou que ele poderia ter se esforçado mais para resgatar o pai do meio do rio, mas como isso não ocorreu da maneira como o filho pensava que deveria ter acontecido, agora o pai vinha de um outro lugar, de um outro mundo, da morte para castigá-lo.

Veja que o sentimento de culpa do filho pode ser tão grande que o narrador repete a palavra *pedindo* três vezes no sentido de pedir perdão querendo expressar o arrependimento do filho de uma maneira exagerada, mas também não é só o arrependimento que está implícito nessa frase, o medo que o filho sentiu também está presente aí, pois o filho temia que ele fosse sofrer as consequências que o pai estava levando a ele por não ter feito o suficiente para livrar o pai daquela situação.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento<sup>26</sup>? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro \_\_ o rio. (ROSA, 2001, p. 85.)

Oliver faz uma reflexão sobre esse parágrafo, a autora diz que o filho sente um vazio com relação a si mesmo por se culpar pela partida do pai por que ele acredita que ele não foi a pessoa que precisava ser nos momentos de dificuldades do pai. “Ele apenas tem diante de si a possibilidade escassa de ser o ser que não foi no momento em que devia ser. Essa inconsistência essencial o conduz à morte em vida, corroendo-o por dentro, transmutando o seu ser em não-ser.” (OLIVER, 2001, p. 119.)

Após o filho ter sofrido o temor da possível volta do pai para fazê-lo pagar pelos erros, ele adoeceu. O filho ficou ciente de que ninguém mais soube do seu pai porque ele era o único que lembrava ainda do homem. O filho se perguntava se ele era homem depois dessa culpa toda que ele sentia carregar porque ele estava se sentindo um nada. Nessa parte o filho se sentia o ser mais inferior do mundo por carregar essa culpa, como se tudo o que aconteceu com o pai desde os tempos remotos fosse responsabilidade dele. O filho disse ainda que ele era o que não foi para expressar que ele deveria ter sido alguém que pudesse ter mudado a situação vivida pelo pai, mas ele não foi essa pessoa, ele não mudou nada. Perceba que ele acreditou cegamente que se o pai se encontrava na situação em que

---

<sup>26</sup>**Falimento. 1.** *Olha o falimento do fim, cambada!* (UP \_\_I, 50/55). / *Ruína, falência. 2. Sou homem, depois desse falimento?* (PE \_\_VI, 37/37). / Erro, falta, omissão, culpa. // Arc. reg. por Viterbo. [Cf.: *Toda a noctejouveram ali per falimento de cavalos (Demanda, XL, p. 259)*]. (MARTINS, 2008, p. 221.) O filho se culpou tanto que nem a dignidade de homem (ser humano) ele acreditava que deveria merecer.

estava naquele instante, era tudo por causa dele. E quem se calou, quem se silenciou foi o filho, pois ele estava morrendo, todas as suas angústias, todas as suas dúvidas sobre a partida do pai, todas as lembranças paternas, todos os seus receios e toda culpa que carregava por não ter conseguido mudar o fato se calaram também.

Faço uma comparação entre a possível morte do filho com o silêncio, ou seja, toda essa polêmica gerada no conto a respeito do desaparecimento do pai cessaria a partir do momento em que o filho morresse. Aí não haveria mais o que dizer, não haveria mais especulações, haveria só o silêncio, semelhante ao silêncio daquele rio que levou o pai para não sei onde, para um lugar distante da sua família, para o além, para a terceira margem desse rio onde só ele viveu ou morreu.

O narrador também expressa que ele teme abreviar a sua vida nos rasos do mundo. Quanto a isso Oliver (2001, p. 121) diz que o filho tem medo de que a sua vida não acabasse sendo transformada depois de sua morte, que ele ficasse nas superfícies do rio sem que passasse para o outro mundo, sem que mergulhasse nas profundezas do rio onde aconteceria a transmigração da alma, onde estaria o pai sendo transformado. “Enquanto o personagem pai representa a ruptura, o filho simboliza a permanência, já que não conseguiu avançar nem para o estado de transcendência experienciado pelo habitante do rio, nem ocupar seu lugar na sociedade.” (SANTOS, 2012, p. 531.)

E a maior vontade do filho era de morrer rio adentro igual ao pai, ele queria que o corpo fosse colocado numa canoa para que ele também ficasse aos cuidados do movimento das águas. Posso admitir então que o filho intencionava ainda fazer o reencontro com o pai, já que depois da morte não haveria nada o que pudesse temer. Oliver fala que o filho passa a ser o próprio rio quando ele diz “e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro \_\_ o rio,” como se o rio e o filho passassem a ser uma coisa só. Afirmo que o filho e o rio se encontraram finalmente, simbolizando assim, no final do conto, a morte do filho. Agora é o filho que é capturado pelo rio da eternidade para fazer parte do universo onde está o seu pai, o mundo dos mortos, o macrocosmo como diz Oliver. Na parte em que mostra o desejo do narrador em também estar aos cuidados dos movimentos das águas do rio, o filho indica o momento em que ele mesmo vai explorar o rio como um crocodilo, metaforizado por Guimarães Rosa como um ser que sempre vai aprender coisas novas no intuito de renovar a essência espiritual. E como o filho em vida não pôde reencontrar o pai e muito menos mudar a situação vivida por ele, ou seja, a sua morte, agora a morte que cai sobre o protagonista é que consegue fazer com que ele possa se reencontrar com o pai lá no mundo das transformações. Portanto, isso tudo é usado para

explicar que o ser humano em vida não pode interferir em algo superior a ele como a morte.

Na história de Rosa não há pacto, nenhuma pacificação é atingida, nenhum resgate alcançado. Pelo contrário, o narrador é aprisionado na perpetuidade do fluxo do tempo: 'e eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio' (p. 413). Como se ele se tornasse o próprio rio, como se o rio se tornasse interior, essencial, inseparável de sua própria condição,... (OLIVER, 2001, p. 124.)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar este conto, consegui constatar o quanto o mistério da morte está entrelaçado ao desaparecimento do pai e o quanto ele atinge a maneira de viver do filho. Não aceitar a morte em “*A terceira margem do rio*” é sinônimo de enganação que leva ao erro e à culpa, é procurar algo no escuro que não se faz presente e deixar que essa busca se prolongue até que haja a percepção de que a procura foi em vão.

A morte é abordada no conto como algo que separa qualquer pessoa, sem distinção, e as coloca em planos diferentes cujas realidades são diferentes e que precisam ser distintas para transformarem o ser-humano e capacitá-lo para algo melhor. Morrer no conto significa desbravar rios em busca de conhecimento e sabedoria para um dia usá-los, representa o esquecimento da vida anterior e o ato de lembrar a condição essencial da vida do homem.

Não admitir a morte leva à crença da possibilidade de que podemos desrespeitar a ordem natural das coisas e à amarga decepção de que essa ordem jamais poderá ser quebrada por uma simples vontade de quem se arrisca interferir. No conto, o filho é aquele que se encoraja em fazer essa interferência acreditando que poderia mudar toda aquela situação vivida, porém tanto pai quanto filho pertencem a universos diferentes, a vontade de um deles nada faria para transformar essa realidade, por mais que qualquer um deles se esforçasse para isso. O sentimento de culpa do filho consiste na incompreensão ou na inadmissão dessa realidade porque enquanto o filho pensa que a partida do pai dentro de uma canoa num rio foi apenas uma atitude tomada por escolha própria do pai, o filho continuará pensando que ele poderia ter mudado a situação.

Quanto à análise lexical dos neologismos na obra, acredito que pude “reafirmar” o que muitos estudiosos da literatura regionalista já disseram sobre o conto e creio também que consegui “acrescentar” algumas análises que facilitarão o entendimento do conto pelo leitor. Tudo isso foi possível graças à uma investigação literária do conto “*A terceira margem do rio*” do livro *Primeiras Estórias* do escritor Guimarães Rosa baseada nas análises da Professora Elide Valarini Oliver e auxiliada no estudo dos significados dos neologismos que foram reforçados pela obra de referência linguístico-literária de Nilce Sant’Anna Martins.

## REFERÊNCIAS

HOUAISS, Antônio. **Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, 2008.

OLIVER, Elide Valarini. “A Terceira Margem do Rio” Fluxo do tempo e paternidade em Guimarães Rosa (com reflexões em Drummond de Andrade). São Paulo: Revista USP nº 49, p. 114 – 125, março/maio 2001.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras Estórias**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., p. 79 – 85, 2001.

SANTOS, Elis Angela Franco Ferreira. **Entre permanecer e partir: Uma leitura do conto “A terceira Margem do Rio”**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 1. Anais do XVI CNLF., p. 525 – 532, 2012.